1.º anno | Lisboa, 1 de junho de 1885 | Numero 49

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

SUMMARIO

CHRONICA

Victor Hugo!

Este nome glorioso e immortal, que por si só representa uma epopeia gigante, encheu a semana inteira, como enche a França, como enche o mundo.

Ouvindo-o, a humanidade fica ao mesmo tempo assombrada e

ILHA DE S. THOMÉ—RUA DA ROSA

triste, como se viessem dizer-lhe que se calara para todo o sempre, no oceano revolto, o bramir das vagas altaneiras, ou que um imperio poderoso se subvertera repentinamente, a um raio da colera divina, alastrando o solo de cadaveres, desenrolando crepes funerarios por sobre o mappa immenso das nações.

Proferindo aquelle nome illustre, em que ha um mixto suavissimo de grandezas descommunaes e de infantilidades graciosas, sente-se a gente mergulhado, sem o querer, n'uma tristeza indefinida, na tristeza incomparavel que nos assalta o animo junto d'uma creancinha morta, em face d'um pae agonizante.

E' que o nome de Victor Hugo, mil vezes ouvido em torno do nosso berço, tornara-se para nós, homens d'este seculo que elle tanto illuminou, objecto d'um culto sagrado.

Ensinaram-nos a amal-o antes de nos ensinarem a lel-o. Entrou no nosso coração d'adolescente primeiro que houvesse entrado no nosso espirito de homem. Quando a intelligencia de nós todos poude comprehendel-o, na sua grandeza magestatica e phenomenal, já as nossas almas o tinham comprehendido e soletrado, no silencio das suas locubrações infantis, em que tanto se aprende e tanto se adivinha.

Se perguntarmos a uma creança o que é o sol, ella não nos responderá, talvez, com a precisão do pensador e do philosopho, mas saberá dizer-nos que se enleva na luz do astro, que rejubila diante das suas fulgurações diamantinas e intensas, que se enamora da sua face de ouro engastada pela mão de Deus no azul mysterioso e insondavel do firmamento.

Tambem nós, em creanças, não sabiamos quem era e o que era Victor Hugo,

> ...le poète farouche
> L'homme devoir,
> Le souffle des douleurs, la bouche
> Du clairon noir,

como elle proprio se appellida na filigrana delicadissima das suas *Contemplações*.

Tambem nós, n'esse tempo, não haviamos ainda medido a estatura enorme do creador das *Folhas d'outono*, do cinzelador genial da rima, do forte e bondoso octogenario que não queria

> ...habiter la cité des vivants
> Que dans une maison qu'une rumeur d'enfants
> Fasse toujours vivante et folle.
> ....

Mas os nossos corações innocentes amavam-n'o já, como se ama, sob o ardor intenso do sol d'estio, a sombra d'uma arvore gigante em meio do descampado, admiravam-n'o, como se admira o espectaculo grandiosissimo da Natureza, sem se lhe comprehenderem os mysterios e os segredos.

E' d'esse amor infantil, pelo homem e pelo poeta, que se inspira hoje a nossa veneração pelo cadaver. Foi esse affecto respeitoso, nascido comnosco no berço, que produziu as nossas lagrimas choradas em face d'um tumulo.

*

E só de lagrimas deve ser feita, pela humanidade, a corôa deposta sobre o esquife modesto de Victor Hugo. De palavras e de flores, não, que as flores vivem uma aurora, e no vocabulario humano não se encontram palavras cujo brilhantismo chegue para coroar de luz a fronte incommensuravel do morto sempre vivo.

Colossos d'aquella estatura não se definem com uma phrase, nem se exaltam com um poema.

Traçar-lhe a biographia é coisa impossivel. Discutir-lhe a vida gloriosa e as obras immortaes, chegaria a ser um crime. Victor Hugo admira-se mas não se biographa nem se discute. Individualidades d'aquelle quilate, creadas por um decreto nominativo do Eterno, como disse Renan, assombram-nos o espirito e impõem-se á nossa veneração. Para fallar d'ellas, seria preciso sentir no cerebro a mesma centelha que allumiou em vida os seus cerebros potentes, e isso não é dado aos que rastejam na sombra, humildes e pequenos.

*

Basta dizer-se que elle morreu, e diz-se tudo. Basta registrar-se que a sua alma illuminada partiu, e que o seu rosto venerando e risonho, ainda infantil sob uma formosa aureola de cabellos brancos, estará d'aqui a pouco decomposto e transfigurado, como já hoje está livido e inerte.

Não foi a velhice que o matou: Victor Hugo parecia desafiar o tempo. Foi um accidente inesperado, uma lesão cardiaca, que veio roubal-o á França, ao mundo inteiro. A sua morte entristece-nos e surprehende-nos, como se o vissemos cair fulminado por ella em plena florescencia da mocidade, muito antes de ser pae, quando ainda não sonhava em ser avô

*

A mocidade! Como o poeta devia ter-se lembrado d'essa quadra gentil, no seu resvalar vagaroso e lento para o oceano de trevas do sepulchro!

*

Tinha apenas dois annos o nosso seculo, quando a mocidade de Victor Hugo começou a desabrochar n'um sorriso.

As acclamações e os gritos de guerra, d'envolta com o estrepito das armas, accordavam em toda a parte echos formidaveis. Os primeiros annos da *Creança sublime* fôram embalados pela grandiosa harmonia de todo esse fremito de gloria, que exaltava os corações e os cerebros, antes de se converter n'uma tempestade medonha.

Depois, tudo serenou: o tinir das espadas, os hymnos de triumpho, as imprecações do luto e da derrota. Fez-se um grande silencio, no meio do qual se modularam, em harmonias encantadoras, os sons maviosissimos d'uma voz juvenil, mais pura que o crystal, mais limpida que o ouro.

A creança predestinada attingia então, apenas, os limites da primeira adolescencia. Mas as abelhas do divino Platão pairavam já sobre os seus labios, e a França e a Europa, assombradas, batiam as mãos, exclamando: — Prodigio!

Jamais, com effeito, uma outra vocação revelou tão manifestamente a sua origem sublime. Jamais o selo do genio se imprimiu, d'aquelle modo, sobre uma fronte juvenil. Jamais uma palavra tão sonora ecoou aos nosso ouvidos, e estrophes tão sentidas e vibrantes ousaram brotar d'uns labios humanos.

O espirito da França e o espirito do seculo, a alma da natureza e a alma da humanidade haviam-se incarnado n'um ser d'eleição, e todos os olhares, e todos os corações se voltaram instinctivamente para elle.

Decorreram annos. Sempre de pé, sempre firme, sempre grandioso e inspirado, Victor Hugo dominava ainda ha pouco este seculo, no seu rapido declinar para o proximo occaso. Associavam-se n'elle, em maravilhoso accordo, o genio das raças antigas e o genio da raça franceza. Horacio não teve mais graça, Virgilio mais suavidade, Homero mais elevação. Nenhum outro, á imagem do seu capricho, soube forjar o rithmo rebelde, com mão tão habil e tão poderosa.

Victor Hugo restaurou o vigor adormecido da lingua franceza, imprimindo-lhe um brilhantismo incomparavel. Aquelle grande genio disse tudo, exprimiu tudo, e tudo cantou nas suas estrophes vibrantes. Não ha sentimentos da natureza humana que elle não penetrasse, virtudes que não exaltasse, alegrias que não celebrasse, chagas e dores que não tivesse consolado. As mil vozes da humanidade multiplicavam-se passando pelos seus labios, e espalhavam-se atravez do Immenso.

Ao despertar de cada aurora, como a esphinge da lenda, Victor Hugo fazia-nos ouvir um novo canto. A sua obra assemelhava-se a uma estatua gigantesca de puro metal, encimada por um facho de luz poderoso, que projecta sobre a terra brilhos resplendentes.

Victor Hugo, o Poeta, o primeiro depois de Gœthe, o segundo depois de Voltaire, era a bondade e a força: a gloria da França: o homem do nosso tempo; a illuminação do nosso seculo: o Mestre e o Pae!

O seu nome, que foi a adoração orgulhosa e enternecedora da nossa mocidade, depois de haver sido o objecto do culto da geração que nos precedeu, ficará querido entre todas as gerações vindouras, em quanto a lingua que elle illustrou fôr conhecida pelo mundo.

*
* *

Comprehendes bem, cara leitora, que eu não possa nem deva hoje engastar, no pequenino e modesto florão da minha pobre chronica, outro nome que não seja o do venerando auctor dos *Chatiments*, teu amigo dilecto, teu poeta querido, o poeta delicadissimo das mulheres e das creanças, o amigo devotado da humanidade.

Hoje, que elle vae entrar no Pantheon coberto de crepes, depois de ter entrado na tua alma envolto nas paginas brilhantes dos seus poemas, dos seus dramas e dos seus romances, seria uma profanação confundir, com este meu testemunho de respeito e de saudade, as notas alegres que me suscitariam o *compte rendu* da *Perola* de Marcellino de Mesquita, das corridas do andarilho Bargossi, e dos triumphos alcançados em Paris por Gabriel Claudio.

Deixemos que os funeraes passem, que os crepes do Arco do Triumpho se levantem, e que a França alivie o seu luto pesado. Depois afinaremos de novo o nosso bandolim de bohemio alegre, para cantar o mundo como elle deve ser cantado: — a rir.

Hoje não se ri nem se canta: pensa-se na Morte, e chora-se por Victor Hugo, pelo poeta cuja lyra tinha todas as cordas, pelo homem em cuja alma scintilavam todas as virtudes.

C. Dantas.

O SEU RETRATO

Hei-de, novo Dirceu, pintar teu rosto
Na folha d'uma rosa desmaiada,
Com a tinta esbatida do sol posto,
Que só retrata esse intimo desgosto,
Que te faz padecer, ó minha amada!

E d'essa joia avaro e cautelloso,
Dentro d'um cofre a guardarei então...
E no fundo do seio tenebroso
Irei depol-o, o cofre precioso,
Que farei do meu triste coração!

A. DE C.

GARRETT E O SEU TEMPO

XXII

Não pretendemos agora analysar o genio de Castilho, nem sobretudo comparal-o com o dos seus dois illustres contemporaneos. E' singular que o sr. Gomes de Amorim o faça depois de ter condemnado elle proprio esse systema dos parallelos.

«Alguns escriptores, aliás dignos de estima pelo seu talento, escrevendo ácerca de Herculano, teem dito d'elle o que só póde dizer-se de Garrett. Affirmar, como se lê n'um livro recente, que entre Camões e Herculano não houve mais ninguem em Portugal que a esses dois possa comparar-se, é sacrificar a verdade e a justiça á admiração inconsciente...

«Herculano em parallelo com Camões é simplesmente absurdo. O sabio historiador nada tem que ver com o auctor dos *Lusiadas*: nem é preciso trajal-o com alheias galas para demonstrar-lhe a grandeza.»

E' curioso que o sr. Gomes de Amorim, notando o absurdo de comparar Camões e Herculano, caia, exactamente no mesmo capitulo e no mesmo paragrapho, em absurdo egual comparando Garrett e Herculano, Herculano e Castilho. Pois se cada um d'elles teve uma provincia differente em que governou sem contestação nem confrontos possiveis, para que ha de o sr. Gomes de Amorim teimar em fazer comparações impossiveis, só pelo prazer de deprimir homens eminentes para exaltar o seu idolo, que não precisa d'essa adoração fetichista para ser o que realmente é—um vulto sobrehumano?

São tão difficeis estas comparações, que até no mesmo ramo litterario é supremamente embaraçoso o fazel-as. Tomemos dois poetas eminentes: Camões e Gil Vicente. Qual foi maior? Camões, responde sem hesitação o sr. Gomes de Amorim. Pois sim! mas, se compararmos o *Auto de Ignez Pereira* com o *Eldodemo*, encontramos de certo Camões n'uma inferioridade notavel.

Gloriemo-nos de ter tido no momento em que faziamos como os outros povos da Europa a nossa evolução ou antes a nossa revolução litteraria, tres homens que lhe representaram com uma superioridade admiravel os diversos aspectos. Herculano presidiu brilhantemente á renovação dos estudos historicos em Portugal, foi a um tempo o nosso Thierry, o nosso Guizot e o nosso Michelet; Garrett dirigiu com um brilhantismo e uma originalidade incontestavel a nossa resurreição litteraria nas suas variadas fórmas. Ninguem como elle soube arrancar do coração humano tão sentidas e tão profundas notas. Nunca subiu tão alto como nos seus versos a inspiração elegiaca. E, assim como ninguem bebeu a tão largos haustos nas fontes purissimas do sentimento, ninguem tambem soube mais graciosamente aproveitar as inspirações da musa popular. Essa fonte abandonada, que corria na espessura do matto agreste, obstruida pelas pedras de todas as ruinas, maculada com as folhas seccas do arvoredo intrincado, ninguem a soube descobrir como elle, fazendo correr á luz do sol o seu purissimo veio, e mostrando ao mundo as mouras encantadas que se penteavam no seu limpido espelho, e os rouxinoes que descantavam nos ramos trémulos que sobre as suas aguas pendiam. O theatro ninguem o levantou a tamanha altura, e pela primeira vez, desde que existe litteratura portugueza, se sentiu passar na nossa scena o sopro shakespeariano que anima a linguagem do *Fr. Luiz de Sousa*. Ophelia teve em Maria uma irmã portugueza.

Castilho teve n'esta revolução litteraria um papel não menos proeminente. Foi um retardatario, diz-se, porque se obstinou por muito tempo em se conservar afferrado ás antigas fórmas, e porque por muito tempo combateu o romantismo incipiente. Illusão completa de quem vê as coisas só muito á superficie. A revolução litteraria do romantismo não foi, como muitos suppõem, a substituição do culto pelos classicos, pelo culto pelos trovadores e pelos menestreis, da adoração pelos deuses do Olympo pela adoração pelas fadas, da evocação da antiguidade pela evocação da edade media. Não! a revolução litteraria foi a revolução da verdade contra o convencionalismo, do sentimento verdadeiro contra o sentimento artificial. Ora, assim como Victor Hugo e Vigny zombaram do *Tancredo* e da *Zaira* e do *Bajazet* de Voltaire e de Racine e quizeram substituir a esses paladinos amaneirados e a esses turcos de pechisbeque os verdadeiros heroes da edade media e os verdadeiros orientaes, tambem Goethe quiz substituir a verdadeira antiguidade grega á antiguidade de cabelleira e rabicho que os poetas do tempo de Luiz XIV punham audaciosamente em scena.

A esta ultima phalange perteneeu Castilho, e, se, como acontece muitas vezes, não comprehendeu os que militavam no mesmo campo, porque pertenciam a outro exercito e arvoravam outra bandeira, nem por isso deixava de pelejar pelas mesmas idéas, e de atacar o mesmo inimigo.

André Chénier estava de certo bem longe de sympathisar com o romantismo que no seu tempo nem se presentia, e não se póde dizer que os seus idyllios gregos fossem os precursores das *Orientaes*. Apesar de ter nascido em Constantinopla, suppunha os pachás e os icoglans completamente indignos de figurarem com os seus nomes barbaros nos versos de um poeta que se respeitasse; comtudo foi incontestavelmenfe um dos precursores da revolução. Porque? Porque os seus idyllios são devéras gregos, e não parodias do grego como as pastoraes de Madame Deshoulierès ou de Bernis, porque os seus personagens são effectivamente as esculpturaes filhas da Grecia que serviram de modelo ás Venus de Praxiteles e ás Minervas de Phidias, e não as francezitas polvilhadas, com chapelinhos á Pamela, que serviam simplesmente de modelo ás pastoras convencionaes de Watteau e aos Cupidinhos de Boucher.

E' o que acontece com as poesias, *soi-disant* arcadicas, de Castilho. Que tem que ver com os pastores de Belmiro e com os Tircis de Quita, que nas margens do Tejo cantam o anniversario do marquez de Pombal, aquelle selvagem Narciso, que parece copiado de um baixo-relevo do Parthenon e aquelle plangente Echo, que sabe gravar na cortiça das arvores tão dolorosas queixas! Que tem que ver com as arrebicadas canções dos arcades aquelle hymno á Primavera tão exuberante de seiva e de ardor juvenil:

Vem, ó dona das Graças e flores,
volve ao mundo teu mago calor;
nos que fogem de amor gera amores,
nos que a amores se dão, cria amor.
. . . .
Tu és Venus e a Grecia delira
crendo-a filha do turbido mar;
Tu és Venus, ó deusa da lyra!
cumpre á lyra teu nome exaltar.

E' certo que Antonio Feliciano de Castilho não tem aquella pureza e verdade de sentimento que arranca lagrimas aos corações menos accessiveis a ternuras. Não ha, nas suas obras, coisa que se pareça nem de longe com o *Camões*, nem com o *Fr. Luiz de Sousa*; mas quer isso dizer que lhe faltasse a inspiração genial, essa inspiração que sabe arrancar do fundo d'alma as notas grandiosas ou commoventes que inspiram ás turbas a paixão que inspira o poeta! Não, de certo. O que lhe faltou sempre foi a paixão que o inspirasse, e faltou-lhe porque era cego quasi de nascença, porque não teve por conseguinte a vida de affectos e de luctas que teem os outros; mas, quando uma idéa grande, a idéa da instrucção popular, o arrebatou ás regiões do enthusiasmo, quem póde desconhecer a grandeza d'essa inspiração, e a sublimidade dos versos em que traduziu o seu pensamento? Pois não são perfeitamente dignos de Victor Hugo esses versos, em que elle, dirigindo-se á imperatriz do Brazil, lhe dizia:

Escutai-me ó princeza; uma divida aos povos
jaz em aberto, immensa, antiga, universal.
E' tempo de ser paga; (urgem-n'o os fados novos)
paga; e o juro tambem que dobra o capital.

Esta divida enorme, em favor de oppressores,
desde a origem do mundo aggravada até nós,
hoje reivindicada em preces, em clamores,
ante os ceus odiosa, ante a justiça atroz!

é a luz do saber, o sol do mundo interno!
é o baptismo d'alma a que todos teem jús!
o chrisma, a eucharistia, o commungar fraterno!
o cumprimento, emfim, de um voto de Jesus.

Tenha embora o saber pobres, ricos, morgados,
como a riqueza os tem, como os tem o poder.
A harmonia geral pede tons variados.
No saber soffre graus, não parias no saber!

E o povo quasi todo é paria em toda a parte!
é Lazaro esfaimado aos pés do grão festim!
O engenho criador em vão seus dons disparte,
chove-os a imprensa em vão, dia e noite, e sem fim!

Ao povo nada chega entre tanta abundancia!
em tanta luz immerso, o povo nada vê!
Julga-se livre e é servo, adulto e jaz na infancia!
E' que o saber é tudo, e a multidão não lê.

Pois isto não é verdadeiramente grande! não é verdadeiramente sublime. Ainda que Castilho não fosse, como muitas vezes effectivamente não foi, senão um rhetorico de uma potencia genial e extraordinaria, teria sido grande. O *Times*, exaltando Victor Hugo

EXTRAVIADOS

ABOLETADOS—HESPANHA, 1874

A VOLTA AO CASTELLO

o mais possivel, diz comtudo que elle não foi senão *the greatest, the most magnificent of the rhetoricians*. O julgamento é falso, emquanto a nós, mas mostra bem que se não considera muito desprezivel a rhetorica quando chega a esta perfeição suprema. O homem, comtudo, que escreveu versos como os que transcrevemos, não era só um rhetorico; esses versos sairam-lhe evidentemente do fundo da alma abrazada pelo clarão de uma grande idéa.

PINHEIRO CHAGAS.

Se creio em ti, meu Deus! Pois quem ha posto
Lumes no céo e rosas na campina,
Na pedra o musgo, a relva na collina
E a fé nas almas cheias de desgosto?

Se creio em ti! Pois quem ha dado ao rosto
Da mulher dois pharoes de luz divina,
E a rocha a gotta d'agua crystallina
E a sombra aos dias calidos de agosto?

Se creio em ti, meu Deus... Quando eu, outr'ora,
Quiz meus olhos cerrar á luz da aurora,
Por que não visse pelo ar disperso

Tanto sonho d'amor, que em vão sonhára,
Lembrei-me, então, de quanto me ensinara
A voz de minha mãe, junto ao meu berço...

NARCISO DE LACERDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

ILHA DE S. THOMÉ — RUA DA ROSA

A rua da Rosa, partindo de uma extremidade da cidade de S. Thomé, vae acabar na ponte do Paço, que atravessa o rio Agua Grande: nada tem de notavel senão dar uma idéa do aspecto geral da cidade e das suas construcções. Na occasião em que a photographia foi tirada, achava-se na rua uma porção de serviçaes, acompanhados de empregados brancos, com as suas botas altas e os seus chapeus desabados, como andam na roça e se apresentam na cidade. Veem-se aqui typos caracteristicos dos costumes da terra: a preta, de lenço enrolado em volta da cabeça e airosamente embuçada no seu panno de riscado, um preto elegante, provavelmente empregado subalterno de roça, que se foi collocando na frente dos seus subordinados, para melhor dar nas vistas, com os seus collarinhos resplandecentes, e o seu casaco de côr alvadia, e descançando no inseparavel *cacete*.

EXTRAVIADOS

O porquinho e a sua bipede companheira perderam-se, pelos modos, no caminho, e aquelle parece estar perguntando á interessante creança, onde pára a sua corpolenta mãe e uns poucos de irmãos e irmãs que deseja ver de novo. E' provavel que a mãe não esteja muito contristada pelo desapparecimento do pequeno vagabundo, porque tem bastante com que se entreter, e além d'isso, occupa-lhe o pensamento um alguidar com semeas e batatas: mas a mãe da creança é que estará verdadeiramente anciosa e inquieta, e, quando encontrar a sua querida filha, ha de beijal-a e ralhar com ella alternadamente, como costumam fazer as boas mães.

A VOLTA AO CASTELLO

Passou-se aquillo em tempos muito remotos, como o attestam os trajes dos dois personagens do quadro.

O castellão, que por largos annos estivera ausente, volta aos seus penates, feliz e alegre.

Lá fóra, antes de transpôr os humbraes da vasta porta, o molosso fiel reconhecera-o. Cão e dono entram ao mesmo tempo, este abrindo os braços á velha esposa que não o esperava, e que não cabe em si d'espanto e alegria, aquelle gozando com o jubilo dos dois, n'uma attitude de quem parece querer dizer: — Cá está elle!

Que bello quadro e que expressivas physionomias aquellas!

ABOLETADOS — HESPANHA, 1874

As guerras civis brotam successivas do solo de Hespanha, como as ruins sementes que se propagam nos campos. O povo é sempre, e, por varias fórmas, victima das contendas dos senhores. Requisições, contribuições de guerra, aboletamentos, searas perdidas, sem fallar nas victimas das balas o dos fuzilamentos, tal é o quadro de vantagens que dá a uma nação o temperamento bellicoso, e o summario dos favores que ella deve ás ambições dos chefes e dos caudilhos.

E' o mais singelo d'esses inconvenientes que a nossa gravura representa. E' intimada a receber dois militares em sua casa, durante a guerra carlista, aquella pobre familia de sapateiro, n'uma aldeia da Catalunha.

Hospedes obrigados e armados são sempre desagradaveis; mas ao mandato do capitão general ou do governador militar não ha que retorquir. A pequena agarra-se ás saias da mãe, desconfiada com aquellas importunas visitas. Uma visinha espreita curiosamente aquella scena. A curiosidade dos visinhos, e principalmente das visinhas, é a mesma em toda a parte. O segundo militar, typo um tanto mourisco, que é frequente na peninsula, dispõe-se a fazer a côrte á espreitadora.

Todas as physionomias d'este quadro são bem estudadas e expressivas. Para Hespanha pode bem dizer-se que é um quadro de costumes.

UMA MOSCA IMPORTUNA

Em meio da brincadeira e da lambarice, quando estava no melhor da festa, pousou-lhe sobre o bracinho roliço uma mosca importuna.

Occupada em enxotar aquella desmancha-prazeres, que não quer largal-a, a pobre creança suspendeu os seus brinquedos e interrompeu o seu *menú*.

A mosca teimosa serve-lhe agora de passatempo, como logo lhe servirá um pardal que cante proximo, uma andorinha que entre pela janella, um nada que lhe desperte a attenção.

Felizes edades!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

M. H. P. S. DE CARVALHO.—Belem.—Pensaremos no assumpto a que v. ex.ª se refere. Por emquanto não está nada resolvido.

MIGUEL RODZ DE LEMOS LOBO FREIRE PANTOJA.—Faro.—A substituição forçada de correspondente motivou a falta a que allude. Remediar-se-ha tudo a seu contento.

MATHEUS JUNIOR.—Parece-me que não tem rasão de queixa. Nem sempre, nem nunca. Fallaremos no proximo numero.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Grande vaso de papel—1—2.

Este animal vinte e quatro horas cantou a um defuncto—2—2.

Esta membrana serve para medir este instrumento—2—2.

A nota está no instrumento para desentoação—1—2.

Governa no Crato, em Aveiro e n'esta casa—1—1—2.

Belem M. H. PORTO-CARRERO SIMÕES DE CARVALHO.

E' pronome aqui, n'esta cidade—1—2.

Lamego. WLADIMIRO KROWSKOROFF.

EM VERSO

Nas bellas margens do Liz,
Tão bonitas e formosas,
Onde volita o aroma
Da madresilva e das rosas,
Que perfume tão fragrante
Se respira inebriante!—1

E' ahi que, contemplando
Os lindos raios da lua,
Suspira o peito arquejante,
Recordando a imagem tua!
E me vem a idéa fatua
De possuir tua estatua!—2

Porém, ao ver que não posso
Satisfazer meu desejo,
Nem, ao menos, ir depôr
N'esses labios um só beijo,
Oh! meu Deus! Que desalento!
Desisto do meu intento.

Divago então pelos bosques
A dissipar meu queixume,
Onde as urzes pequeninas
Exalam doce perfume,
P'ra ver se assim tu m'esqueces,
Mas lá mesmo me appareces.

Leiria — M. MONTEIRO JUNIOR.

E' meu destino correr,—1
Para a paz *d'este* gozar.—1
Lá nas grandes altitudes
E' que tenho o meu lugar.

(Ao habil charadista F. L. Mèga, a quem o auctor offerece, como premio, o bonito romance *O escandalo,* caso a decifre no praso de 20 dias).

Se o vosso alvo e intento
é decifrar a charada,
de certo que o não consegue
sem a quarta ser trocada.—3

Compulse a mineralogia
se quer ver a derradeira;
sendo, porém, necessario
desprezar minha terceira.—2

Apesar de uma herva ser,
Um reptil deveis achar.
E agora, meu leitor,
vê se podes decifrar.

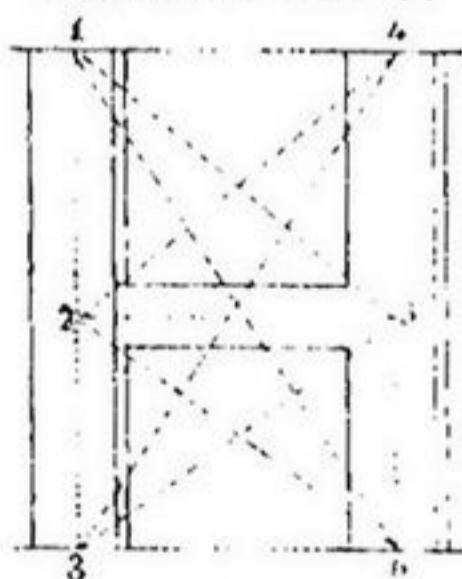
G. CAETANO.

ADIVINHA POPULAR

Duas irmãs muito unidas,
Vivem mas sem que se casem;
O seu trabalho é fazerem
O que as más linguas nos fazem.

São agudas e valentes,
Têm em toda a parte entrada,
E são, por pobres e ricos,
Muitas vezes procuradas.

Aproveitam, desperdiçam
Tudo quanto vão fazer,
Pois que os dedos pelos olhos
Todos lhes querem metter.

ENIGMA EM H

Substituir por syllabas os algarismos 1, 2, 3, 4, 5 e 6, de modo que os algarismos 1, 2 e 3 formem uma palavra e os algarismos 4, 5 e 6 outra, podendo-se ler ainda outras palavras ligando os algarismos 1 a 4—2 a 5—3 a 6—1 a 2—2 a 3—4 a 5—5 a 6—1 a 5—2 a 4—2 a 6—3 a 5—1 a 6 e, finalmente, 3 a 4.

Porto. — TRINDADE

LOGOGRIPHOS

Qual outro judeu errante,
Caminhando sem cessar,
Não pode a casa tornar
A terceira mais a quarta.

Sem segunda apoz a prima
Affirmo não sei viver,
Pois no burro do inglez
Um exemplo podem ver.

Primeira, terceira e quarta
E' velho, mais inda dura;

N'elle faz sua figura
O irmão, que se não farta.

Charadista, se juntar
Isto que tenho indicado,
Certo vaso ha de encontrar,
Na egreja muito usado.

COSTODIO SILVA.

EM ACROSTICO

(AO ex.mo sr. Eduardo Coquet)

1—2—5—4—3—6—7—5
2—6—4—8—7—8—5
3—6—8—4—8—6
4—10—6—1—10—7—8—5
5—7—8—6—10—5
6—3—4—5
7—10—9—8—2—6
8—6—6—8—7—8—5
9—10—4—3 6—2—10—5
10—4—5—6—6—3—9—8—5

} Nomes de homem.

O acrostico dá nome de mulher.

Porto. — TRINDADE.

PROBLEMA

Um viajante parte d'um ponto e dirige-se para outro. Depois de ter caminhado durante algum tempo, reconhece que o caminho percorrido está para o que lhe falta andar, na relação de 2:3; e depois de percorrer mais 8 kilometros, a relação d'aquellas distancias é egual a 6:5. Qual é a distancia dos dois pontos?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Alumno—Camacho Santola—Anadia—Grandevo—Sape—Nevoeiro.
DA ADIVINHA POPULAR:—Cobra.
DO LOGOGRIPHO:—Ambrozia.
DO PROBLEMA:—$\frac{6^n-1}{5}$ sendo *n* um n.º inteiro.

A RIR

Um coronel, que havia chegado áquelle posto tendo tido humilde origem, passava um dia revista aos soldados do seu regimento, e encontrando um com a camisa muito suja, disse-lhe:

—Como te atreves a apresentar-te assim? Quando eu era soldado, trazia sempre a roupa muito limpa.

—Tem v. ex.ª razão, meu coronel, responde o soldado; mas v. ex.ª não mette em linha de conta que a senhora sua mãe era lavadeira!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

As lagartas começam agora a fazer, nos jardins e hortejos, a sua obra de destruição. Para evitar isto, basta cobrir com folhas de sabugueiro as plantas que ellas devoram. Affastam-se immediatamente, e não tornam ali a apparecer.

A ESPERA DOS TOUROS

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Chegou quasi a ser tradicional em Lisboa a espera dos touros.

Aos sabbados havia na capital uma animação desusada, promovida por um publico especial, que adorava aquelle divertimento *sui generis*, synthese das grandes patuscadas dos estroinas de então.

Ir esperar os touros era o que hoje se chama, em linguagem plebéa, um *pagode de estalo*.

O mundo facil das peccadoras réles, dos fadistas emeritos, dos estravagantes notaveis, dos valdevinos, dos vadios, dos *borgas* e de toda uma sucia de rapazes estroinas e mulheres perdidas,

mettia-se, ahi pelas tres da tarde, em trens especiaes, com cocheiros liròs, de calça de belbotina, bota de polimento, jaleco com alamares de prata, chapeu desabado de feltro branco e cinta vermelha, e, em corrida vertiginosa, mercê de vibrantes chicotadas applicadas nos lombos de desventuradas pilecas lazarentas, *batia* aquillo tudo para a Cruz do Taboado, primeira estação de comes e bebes, a predispor o espirito e o estomago para as grandes sensações da noite.

Ordinariamente o *menú* constava de bellas postas de peixe espada frito, salada de alface, azeitonas, vinho á *discrição*, laranjas e queijo saloio

Comia-se muito, bebia-se ainda mais, as guitarras gemiam desafinados acordes, cantadores celebres psalmeavam versos errados e ordinarios de sentimentaes oitavas de fado, discutiam-se assumptos ligeiros, trocavam-se ditos obscenos, as malhas do chinquilho vibravam metallicamente na terra, erguendo nuvens de poeira, dois faias *riscavam* n'um cumulo de pericia infame, as mulheres riam doidamente ou alardeavam a sua miserrima situação contando, em alta voz, scenas ridiculas de nojentas aventuras e avinhados galanteios, ás vezes alguns murros serviam de prato de resistencia, e não raro se ouvia o estalido secco da mola d'uma navalha, abrindo-se n'uma algibeira, traidora e covardemente.

Ao cahir da noite toda aquella multidão entre a qual chafurdavam alguns dos mais antigos brazões da nobreza portugueza, trocando o *tu* de confiança com o mais desprezivel cocheiro de praça, mettia-se nos trens, e lá iam, no meio d'uma algazarra infernal, replectos de vinho e de instinctos bestiaes, esperar o gado á Porcalhota.

A chusma augmentava com uma multidão, de cavalleiros, janotas uns, outros pelintras, hespanholas de grandes olhos negros e pés de creança, envoltas em longas mantilhas de seda branca ou chales de Tonkin, membros da *élite* e do *sport*, e alguns pandegos engraçados, montados em miseros jericos, que serviam de alvo aos motejos de toda aquella gente berradora e agitada.

UMA MOSCA IMPORTUNA

Proximo da hora anciosamente esperada, o barulho decrescia de intensidade até as conversações se travarem a meia voz, e os ouvidos apuravam-se para recolherem o bater do primeiro chocalho.

—Lá veem elles! gritava um engraçado, ao qual respondia uma voz forte:

—Cala a bocca, bruto!

E então, uma gargalhada enorme, colossal, sahia d'aquellas trezentas gargantas, e os rostos avinhados dos boleeiros appareciam á luz das lanternas, accendendo os nauseabundos cigarros.

Finalmente sentia-se ao longe o tinir sonoro d'um chocalho.

Na semi-obscuridade d'aquella noite especial, viam-se erguer nos trens os vultos das mulheres, encostando-se tremulas e receiosas aos homens meio embriagados, com os chapeus cheios de pó descahidos sobre os olhos.

O ruido dos chocalhos augmentava, ouvia-se já distinctamente, e o silencio tornava-se profundo, a ponto de se poder distinguir o zumbido d'um mosquito.

A' luz avermelhada dos lampeões da estrada descortinava-se ao longe uma nuvem de poeira avançando rapida, como uma onda prodigiosa em mar revolto.

Todos se recolhiam aos trens, os cocheiros saltavam para as almofadas, os cavalleiros recuavam os cavallos, os peões subiam ás arvores, abriam-se as janellas das casas proximas, e, rapidos como um relampago, rodeados pelas chocas e pelos campinos, de focinho quasi de rojo, cheios de pó e de cansaço, soprando ruidosamente, cegos de colera por aquella corrida vertiginosa, passavam os bois.

Em seguida toda aquella alluvião de trens e de cavallos desfilava loucamente, em carreira fanthastica e febril, no encalço do gado.

Resoava então uma algazarra formidavel, augmentada pelo rodar dos trens; assobios d'um som agudissimo silvavam sem interrupção, durante o caminho, as mulheres batiam as palmas e riam desordenadamente; entoavam-se hymnos a Bacho e ao Amor, n'uma phraseologia de bordel puro, e o cortejo augmentava sempre de velocidade.

Subito estalavam no caminho algumas bombas, um dos bois rompia o circulo formado pelas chocas e desapparecia ao longe, em desenfreada carreira, seguido por um campino de meias altas, sapatos largos e pampilho em punho.

Todas as conversações se encaminhavam para as desgraças que o touro fugido iria occasionar na cidade, e ás duas horas da madrugada a chusma entrava na capital, despertando com o seu ruido e o seu delirio o somno socegado e tranquillo dos cidadãos pacificos.

Era raro quando a festa terminava sem terem havido algumas facadas, cabeças partidas, rodas despedaçadas, ciumes, arrufos, vinganças, e mil outras mesquinhas expressões das almas rudes da maioria d'aquella multidão, que só comprehendia uma pega de cara, um estomago á prova de odre e um *risco* dado com arte.

O tempo veio demonstrar, com a sua inexoravel sensatez, que as esperas dos touros eram tudo quanto de mais indigno e indecente podia ser concedido ás predilecções brutaes d'um publico sem illustração nem finura, que adorava as grandes commoções como os antigos romanos no Circo, perante as luctas sanguinarias dos homens lançados ás feras, e dos gladiadores.

Com as esperas dos touros morreram os fadistas celebres, os fidalgos esturdios, as rameiras pimponas, os guitarristas notaveis, e toda essa *troupe* inutil á sociedade, que tinha passado perfeitamente sem ella, *troupe* humana onde o bom gosto era um boi, e a civilisação um litro de vinho.

Ainda ha touradas em Lisboa; mas *touros*, na verdadeira acepção que esta palavra em tempos teve entre nós, acabaram-se—felizmente.

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA